

## **Comunidade Iauarete Pixuna: extensão é vivência, construção na prática** *Iaurete Pixuna Community: extension is experience, construction in practice*

Claudina Azevedo Maximiano, Janaina de Aguiar, Letícia Vitória Sousa Martins, Deuza Maria da Silva Câmara, Emelly Cristine da Silva Barros

### **Resumo**

O texto trata do relato reflexivo da experiência vivenciada no curso de Tecnologia em Agroecologia, no contexto do processo de Curricularização da Extensão, a partir da disciplina “Atividade Curricular de Extensão III”. O objetivo deste trabalho é socializar as experiências vivenciadas pelos discentes na articulação, elaboração e execução de dois projetos de extensão, na comunidade Iauarete Pixuna, em Manaus - AM.

**Palavras-chave:** Projeto de Extensão; Diálogo; Curricularização da Extensão.

### **Abstract**

The text deals with the reflective account of the experience lived in the Technology in Agroecology course, in the context of the extension curricularization process based on the subject “Extension Curricular Activity III”. The objective is to socialize the experience lived by the students in the articulation, elaboration and execution of two extension projects in the Iauarete Pixuna community in Manaus- AM.

**Keywords:** Extension project; Dialogue; Extension Curricularization

### **Introdução**

Este texto apresenta as reflexões vivenciadas no Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), campus Manaus Zona Leste (CMZL), produzidas de forma conjunta entre docentes e discentes do 5º período, na disciplina “Atividade Curricular de Extensão III”. O principal objetivo deste componente curricular é desenvolver ações de extensão com os discentes, servidores e comunidade externa despertando interesse na resolução de problemas de sociedade relacionados à agroecologia e sobretudo, destacando a preparação dos discentes no contexto do processo de curricularização da extensão, no curso de Tecnologia em Agroecologia.

O ponto de partida para pensar o processo ensino-aprendizagem nesta disciplina, foi a ideia de fazer com que os discentes pudessem ter a experiência da extensão junto à uma comunidade. No contexto da cidade de Manaus, pensamos em dar continuidade à uma ação da produção de uma horta, já iniciada na disciplina Atividade Curricular de Extensão II, na comunidade indígena Iauarete Pixuna, localizada no Distrito Industrial II, Zona Leste de Manaus.

### **Projetos de Extensão na Comunidade Iauarete Pixuna**

A comunidade Iauarete Pixuna, é uma comunidade pluriétnica, formada por indígenas de diversos indígenas e não-indígenas. A comunidade foi formada a partir do processo de ocupação urbana. Dentre os indígenas presentes na ação de extensão, destacamos as etnias Baré, Mura, Tukano, Kokama e Piratapuya.

Ao longo da disciplina voltamos a discutir o conceito de extensão tendo como referência o texto “Extensão ou Comunicação”, Freire (2015), considerando o diálogo como princípio para se produzir extensão junto às comunidades, destacando que,

**Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo. O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). É sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais.** Se tivéssemos um saber absoluto, já não poderíamos continuar sabendo, pois que este seria um saber que não estaria sendo. Quem tudo soubesse já não poderia saber, pois não indagaria. O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber. E é por isso que todo saber novo se gera num saber que passou a ser velho, o qual, anteriormente, gerando-se num outro saber que também se tornara velho, se havia instalado como saber novo. (Freire, 2015: pag. 36-37, grifo nosso).

É importante destacar que nossas reflexões partiram desta premissa que “ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo”, considerando a produção de uma relação dialógica, que deveria ser estabelecida junto à comunidade, para que a ação possa ser considerada extensão agroecológica. Considerando que o processo de formação do profissional em agroecologia deve ser pautado na dinâmica do aprender, consideramos que a relação com a comunidade se dê de forma respeitosa, inclusive em relação ao tempo e horário das atividades, considerando a lógica e a organização do grupo social.

A partir dessa premissa os discentes foram motivados a participar da visita à comunidade, para a realização de um diagnóstico participativo. Depois da visita, os discentes tiveram o período de uma semana para sistematização do diagnóstico, que foi socializado em sala de aula. Após essa fase, houve um estudo aprofundado sobre a metodologia de intervenção que seria proposta, fundamentação teórica e a elaboração do projeto de extensão, considerando as especificidades e as demandas identificadas no diagnóstico.

Após a elaboração do projeto, sob orientação da docente da disciplina, houve um terceiro momento, onde foi produzido um seminário para apresentação das propostas. A partir do seminário foi realizada uma roda de conversa e de forma coletiva, foram selecionados dois projetos. Salientamos que partes consideradas importantes dos projetos que não haviam sido escolhidos, foram incluídos nas propostas aprovadas, de forma que todos os projetos fossem contemplados.

Após a escolha dos projetos, a comunidade foi convidada a visitar o Centro de Referência em Agroecologia (CRA) do IFAM/CMZL para que os discentes pudessem apresentar as propostas dos projetos que seriam desenvolvidos. A partir de uma roda de conversa, os participantes puderam tirar dúvidas e apresentar contribuições para o enriquecimento dos projetos.

Figura 1: Chegada das Lideranças comunidade Iauareté Pixuna no CRA/IFAM/CMZL.



Fonte: Maximiano (2023).

A partir da roda de conversa foi possível definir as ações que seriam desenvolvidos na comunidade, sendo o primeiro, uma continuidade do projeto que havia sido iniciado com a disciplina atividade curricular de extensão II, a horta comunitária, acrescida de um trabalho paisagismo, utilizando pneus, para atender uma demanda de contenção de um processo de erosão existente na frente da comunidade, levando beleza ao ambiente. O segundo projeto seria a continuidade de um Sistema Agroflorestal, iniciado pela comunidade na área próxima ao campo e ao igarapé, que passa ao fundo da comunidade.

### **Experiência e vivência de extensão agroecológica, a partir da visão discente**

Passamos a relatar a experiência/vivência dos discentes junto à comunidade Iauarete Pixuna, a partir dos projetos desenvolvidos tem sido fundamental na formação dessas futuras Tecnólogas em Agroecologia. Destacamos que foi a primeira vez que as discentes vivenciaram a construção, execução e coordenação de um projeto de extensão. A oportunidade de desenvolver um projeto de extensão desde a sua concepção, passando pela execução e

coordenação, permitiu uma experiência e troca de conhecimentos riquíssimas, sendo de grande aprendizado para essas discentes.

“A experiência se inicia com a disciplina Atividade Curricular de Extensão II, quando partimos para a escuta da comunidade e iniciamos o processo de construção de uma horta comunitária, no final de 2022. E, já em 2023 retomamos o contato com a comunidade, na disciplina, Atividade Curricular de Extensão III, onde realizamos um diagnóstico e, em diálogo com a comunidade, foram apontados a possibilidade da realização de dois projetos: uma horta comunitária, jardinagem nos pneus e paisagismo (projeto 1), na área da frente da comunidade e um sistema agroflorestal (SAF), na parte baixa da comunidade, dando sequência à um SAF já iniciado. Os dois projetos foram realizados aos sábados ao longo do mês de maio e início de junho.” (Alunas, 2023)

As atividades dos projetos também permitiram observar os desafios para realização de um projeto de extensão, sobretudo no contexto urbano e sendo uma comunidade pluriétnica, formada por indígenas, não indígenas e estrangeiros (venezuelanos), e nem todos os moradores conseguem se envolver nas atividades.

O projeto continuação da horta comunitária foi planejado para ser feito junto com às crianças da comunidade, a fim de envolvê-las para estimulá-las a pensarem no contexto ambiental, incluindo temas como saúde e alimentação, ressaltando a importância do solo no cultivo das plantas, do consumo de hortaliças, buscando desta forma incentivar um maior contato com a natureza (FREITAS et al., 2013). Ao longo do projeto, as crianças puderam realizar a semeadura de coentro (*Coriandrum sativum* L.), plantar mudas de chicória (*Eryngium foetidum* L.) e enraizar estacas de cariru (*Talinum fruticosum* L.). Também foi realizada a renovação do substrato, sendo utilizado uma mistura de paú (serrapileira decomposta) e esterco, onde foram plantadas mudas de cebolinha (*Allium schoenoprasum* L.).

Figura 2: Um dos canteiros trabalhados durante o projeto Horta.



Fonte: Barros (2023).

Enquanto os trabalhos na horta eram finalizados, outras duas atividades do primeiro projeto estavam sendo realizadas. A jardinagem nos pneus e o paisagismo na entrada da comunidade. Na jardinagem nos pneus, o solo, que se encontrava compactado dentro destes, foi revolvido com a ajuda de picaretas e pás. A função dos pneus é a sustentação da cerca que há na comunidade. Servem também como mais um espaço para o plantio, abrigo para plantas ornamentais e aromáticas. Foram acrescentado matéria orgânica, com a intenção de melhorar o condicionamento físico químico e aumentar a umidade do solo (JÚNIOR et al., 2005) nos pneus.

Quanto ao paisagismo na entrada, foram aproveitados os pneus que já haviam sido disponibilizados pela comunidade. Foi realizado o mesmo processo de troca do solo, acrescentado esterco, matéria orgânica e, após uma semana, foi realizado o plantio de espécies ornamentais. Foram semeadas, diretamente no solo, sementes germinadas de açaí (*Euterpe precatoria* Mart.) e plantadas mudas de chanana (*Turnera subulata* Sm.). As sementes germinadas de açaí servirão como uma espécie de grama para a entrada da comunidade e a chanana é uma espécie que se desenvolve bem em solos degradados, além de ser uma planta medicinal e alimentícia não-convencional (KINUPP; LORENZI 2014).

O segundo projeto, de condução e enriquecimento do Sistema Agroflorestal foi planejado a partir das demandas locais e executado de forma participativa, junto aos moradores da localidade abaixo da comunidade. O local escolhido para a nova área do SAF de frutíferas se encontra localizado ao lado de outra área na própria comunidade, onde predomina o consórcio aleatório de várias espécies. Segundo Araújo (2005), os sistemas agroflorestais estão destinados à proteção, manutenção, recuperação de áreas degradadas e contribuem para a fertilização dos solos. Os plantios consorciados permitem que espécies florestais sejam combinadas, no tempo e no espaço, com frutíferas e culturas anuais e enriquecem os sistemas produtivos, aliando diversas possibilidades de manejo e produção mais sustentáveis.

Figura 3: Implantação do SAF.



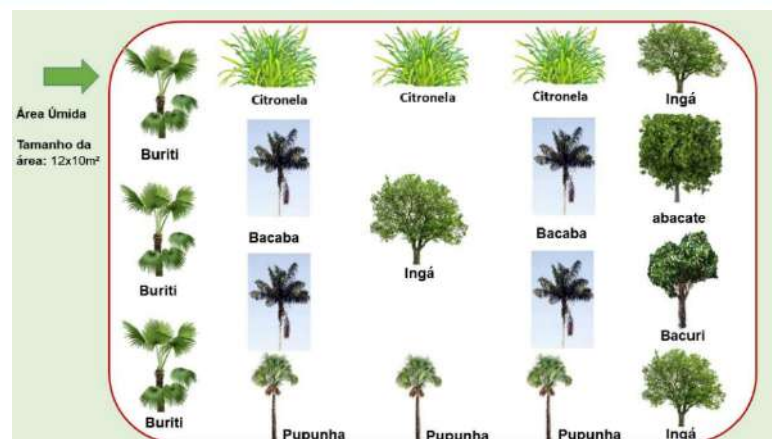
Fonte: Maximiano (2023).

Os plantios foram realizados aos sábados, buscando dessa forma, possibilitar a participação do maior número possível de moradores, interessados nas práticas agroecológicas apresentadas pelos discentes. Houve a escolha das mudas de frutíferas, tais como, bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.), buriti (*Mauritia flexuosa* L.), ingá cipó (*Inga edulis* Mart.), bacuri (*Platonia insignes* Mart.), pupunha (*Bactris gasipaes* Kunth), citronela (*Cymbopogon winterianus* Jowitt).

Para a condução do projeto SAF foi elaborado um roteiro de implantação, sendo seguidas as seguintes etapas:

1. Seleção da área; 2. Medição da área; 3. Planejamento do SAF (objetivo); 3.1 Seleção das espécies (estratos que ocupa, ciclo, forma de propagação); 3.2 Desenho do sistema alocando os consórcios e sua disposição no espaço (Tabela anexa); 3.3 Organização do material para o plantio (sementes, mudas, propágulos, substratos, adubos, calcário, cinzas, ferramentas e equipamentos.); 4. Implantação do SAF; 4.1 Preparo do solo (preparo do solo, calagem, marcação das linhas de árvores (a cada 5m) e canteiros/leiras nas entrelinhas; 4.2 Aplicação de calcário ( $500\text{g}/\text{m}^2$ ) + 5-10kg de esterco/ $\text{m}^2$ ; 4.3 Abertura das covas  $20\times 20\times 20$  incorporando os insumos; 4.4 Sequência do plantio das mudas, cobertura morta com adubação verde (folhas de ingá, amora, margaridão-do-méxico); 4.5 Manejo do SAF implantado, atividade repassada a comunidade (realização das podas, campinas seletivas, replantio, adubação, irrigação, “manejo de organismos” e colheita).

Figura 4 - Croqui da área do SAF na comunidade



Fonte: Câmara (2023).

A finalização da implantação do SAF se deu com o plantio de adubos verdes e incorporação de matéria orgânica junto às mudas. Nesta fase houve a participação massiva dos moradores, incluindo crianças, jovens e mulheres, onde todos tiveram a oportunidade de aprender e realizar as atividades em campo.

Destaca-se que a realização dos projetos desde a concepção, organização e execução foi uma experiência significativa para discentes do curso de Tecnologia em Agroecologia do IFAM, uma vez que possibilitou aos mesmos vivenciarem todas as etapas de um projeto. Desde o primeiro contato com a comunidade; o diagnóstico, a reflexão, a escrita, o planejamento, seguida da execução de cada fase do projeto, que se estendem desde a procura dos materiais necessários, aos protocolos institucionais e a mobilização visando o envolvimento da comunidade.

Tais etapas trazem em si muitos desafios. O principal deles, no caso da comunidade Iauarete Ipuxina, foi o envolvimento dos moradores. Ao longo do projeto, os discentes passaram a compreender os desafios e as dificuldades existentes no processo de execução de projetos de extensão. Compreendendo que as ações de extensão não são isoladas, elas se constituem como um processo dialógico, construído a partir de uma relação de troca tendo como base o diálogo. (FREIRE, 2015).

### Considerações finais

Partindo do pressuposto de que a extensão não se concentra no lugar do conceitual, que ela é algo construído numa relação dialógica com o Outro. Agentes sociais que se encontram do outro lado dos “muros” institucionais. A experiência/vivência de pensar a extensão como um processo que entrelaça o ensino, a pesquisa e a extensão, tendo como referência o que esse

Outro apresenta, no caso apresentado a comunidade Iauarete Pixuna, traz consigo inúmeros desafios sobretudo para a prática profissional de futuros agroecólogos.

A experiência do contato, do planejamento, as frustrações no processo foram fundamentais para que os discentes compreendessem o que é fazer extensão. O entendimento de que é necessário caminhar no ritmo da comunidade e responder de forma conjunta os desafios apresentados. E além disso, que a execução de um projeto é um processo formativo de intenso aprendizado para todos os envolvidos no mesmo.

Desta forma apontamos que a construção da chamada “curricularização da extensão”, tendo como referência as disciplinas “Atividades de Extensão”, no curso de Tecnologia em Agroecologia, com os pés fincados na realidade de Manaus, torna-se uma experiência singular considerando os desafios de se fazer educação, ciência e tecnologia, com bases agroecológicas, no contexto sociocultural da Amazônia, no diálogo com as diversas realidades socioculturais vivenciadas nesse chão.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vivaldo Campbell de. **Roçados ecológicos: sistemas de plantio baseados na fenologia das espécies para rendimento sustentável**. Manaus: Gráfica Silva, 2005, 247 p.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação**. 19a ed. São Paulo: PAZ E TERRA, 2018. RUDIO, F. V. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. 43a ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2015.

FREITAS, H.R.; GONÇALVES-GERVÁSIO, R.C.R.; MARINHO, C.M.; FONSECA, A.S.S.; QUIRINO, A.K.R.; XAVIER, K.M.M.S.; NASCIMENTO, P.V.P. **Horta escolar agroecológica como instrumento de educação ambiental e alimentar na Creche Municipal Dr. Washington Barros – Petrolina/PE**. Extramuros, Petrolina-PE, v. 1, n. 1, p. 155-169, jan./jul. 2013.

JÚNIOR, C.R. et al. **Irrigação e Cobertura do Solo em pomares de Figueira em Transição para o Sistema Orgânico de Produção**. Embrapa Clima Temperado, Pelotas – RS, Circular Técnica, n.50, 4 p., 2005.

KINUPP, V.F.; LORENZI, H. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil**. Plantarum, São Paulo–SP, 768 p., 2014.